



Publicado em: 28.12.2023

MEMÓRIAS AFETIVAS DE ZUZU NAHUZ: UMA ABORDAGEM DA ESPACIALIDADE NA OBRA O ITAPECURU DE ZUZU NAHUZ

Mateus Lopes Nascimento

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: mateuslopesm82@gmail.com

Tania Lima dos Santos

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: taniamaranhao1@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa alguns dos espaços de memória presentes na obra *O Itapecuru de Zuzu Nahuz*, uma coletânea de crônicas organizada por Benedito Bogéa Buzar, escritas pelo maranhense Raimundo Nonato Coelho Nahuz, mais conhecido por Zuzu Nahuz. Como fundamentação teórica, foram utilizados os estudos relacionados à *topoanálise* – análise do espaço na obra literária –, como os desenvolvidos por Gaston Bachelard e sua releitura feita por Borges Filho. Além disso, recorreu-se às contribuições do geógrafo Yi-Fu Tuan sobre *topofilia*, conceito que designa as relações afetivas da pessoa com o ambiente físico. Ademais, são utilizados os estudos de Tuzino sobre crônica e sua relação com o jornalismo, além de questões relacionadas à memória com base em Halbwachs, que trata sobre a caracterização da memória, a fim de compreender a relação existente entre os espaços e a memórias do narrador na obra literária. Os temas mais recorrentes nas crônicas são relacionados às festividades, à escola e a momentos em família ou amigos durante a infância e juventude do narrador em Itapecuru Mirim, município do estado do Maranhão. Foram analisadas e interpretadas algumas crônicas referentes às temáticas principais presentes na cronística do jornalista Zuzu Nahuz.

Palavras-chave: Espaço; Memória; Crônica.

AFFECTIVE MEMORIES OF ZUZU NAHUZ: AN APPROACH TO SPATIALITY IN THE WORK ITAPECURU BY ZUZU NAHUZ

ABSTRACT

This paper analyzes some of the memory spaces present in the work O Itapecuru de Zuzu Nahuz, a collection of chronicles organized by Benedito Bogéa Buzar, written by the maranhense Raimundo Nonato Coelho Nahuz, better known as Zuzu Nahuz. As a theoretical foundation, we used the studies related to topoanalysis - analysis of the space in the literary work -, such as those developed by Gaston Bachelard and his re-reading by Borges Filho. Furthermore, we resorted to the contributions of geogra-

pher Yi-Fu Tuan on topophilia, a concept which designates the affective relationship of a person with the physical environment. Furthermore, Tuzino's studies on chronicles and their relationship with journalism are used, as well as issues related to memory based on Halbwachs, who deals with the characterization of memory, in order to understand the relationship between spaces and the narrator's memories in the literary work. The most recurrent themes in the chronicles are related to festivities, school, and moments with family or friends during the narrator's childhood and youth in Itapecuru Mirim, a city in the state of Maranhão. Some chronicles referring to the main themes present in the chronicles of journalist Zuzu Nahuz were analyzed and interpreted.

Keywords: Space; Memory; Chronic.

1. INTRODUÇÃO

A análise do espaço no texto literário tem sido objeto crescente de estudos nos últimos anos, porém não é um campo novo. Sua razão, de acordo com Dimas (1985, p. 5), vem do fato de que “entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o espaço pode alcançar estatuto tão importante, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc.”. Nesse sentido, o estudo da espacialidade pode apresentar aspectos relevantes para a compreensão das personagens da obra e seu enredo, expressando, no caso da obra de Nahuz, como este autor se relaciona com os espaços que caracteriza.

A *topoanálise* é o nome dado a esse campo de estudos. O termo, criado por Bachelard, aponta que se trata do “estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (2008, p.28). Borges Filho (2007, p. 33) vai além da definição proposta por Bachelard, quando entende a *topoanálise* como um estudo que também busca “inferências sociológicas, filosóficas, estruturais etc.”, visto que ele acredita fazerem parte também da compreensão do espaço na obra literária.

A obra *O Itapecuru de Zuzu Nahuz* (2018), organizada por Benedito Bogéa Buzar, é uma coletânea de crônicas que falam sobre o passado e presente de um jornalista nascido em Itapecuru Mirim na primeira metade do século XX. Os espaços que são caracterizados nessas narrativas carregam um forte valor afetivo para o narrador, que fala sobre suas vivências em sua terra natal, principalmente sobre sua infância e juventude.

Este trabalho propõe uma análise de alguns dos espaços de memória desse itapecuruense, considerando os aspectos *topofilicos* – relativos à afeição da pessoa ao espaço. Para isso, buscou-se realizar o levantamento da topografia literária dos textos presentes na obra, bem como a biografia do seu escritor, além de examinar a relação existencial entre narrador e os espaços vividos, estabelecendo relações entre as memórias do escritor e os espaços caracterizados por ele.

Desse modo, por ser tratar de uma obra constituída de crônicas de viés predominantemente memorialístico, foram utilizados os estudos de Tuzino (2009) sobre o gênero, e os de Halbwachs (1990), sobre Memória.

Este artigo apresenta os pressupostos teóricos fundamentais para a produção deste trabalho, além dos métodos utilizados para atingir os objetivos da pesquisa, bem como a análise das narrativas e sua caracterização de acordo com a *topoanálise* e os estudos sobre a memória.

2. METODOLOGIA

Para a realização desse estudo, partimos do levantamento da bibliografia dos textos literários, a começar pela leitura da obra *O Itapecuru de Zuzu Nahuz* (2018), além de pesquisa sobre a biografia do autor. Após essa familiarização com o objeto da pesquisa, foi identificada uma recorrência de determinadas temáticas presentes na cronística do autor.

Em seguida, foi feito o levantamento da topografia literária, que, segundo Borges Filho (2008, p.4), é o primeiro passo a ser dado pelo topoanalista, ou seja, trata-se da sondagem dos espaços presentes na obra. Foram, então, listados os textos com caráter mais memorialista, ou seja, aqueles onde o escritor traz mais fortemente suas recordações sobre o passado, assim como os que tratavam de fatos mais contemporâneos ao momento em que o autor os escreveu.

Os fundamentos teóricos deste trabalho circunscreveram-se a textos associados à espacialidade, ao gênero crônica e à memória. Dessa forma, em relação à concepção espacial, o trabalho foi baseado em teóricos associados à *topoanálise*, como Gaston Bachelard (2008) e também Borges Filho, que em seu livro *Espaço e Literatura: uma introdução à topoanálise* (2007), faz uma releitura do primeiro; além de valer-se das contribuições da geografia humanista, tendo em conta Yi-Fu Tuan (1980) e seu conceito de *topofilia*.

Para a compreensão do gênero crônica, foram utilizados como base os estudos de Tuzino (2009) sobre o sentido, história e caracterização desse gênero; e, para a abordagem do fenômeno memória, os estudos de Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (1990) e as reflexões de Rios (2013) elaboradas a partir das concepções de Halbwachs, com ênfase na relação entre memória coletiva e lembranças individuais. O referencial sobre memória contribui para a compreensão das relações existentes entre as memórias do narrador com os espaços apresentados nas crônicas.

3. A CRÔNICA MEMORIALÍSTICA EM O ITAPECURU DE ZUZU NAHUZ

A obra *O Itapecuru de Zuzu Nahuz* (2018), organizada por Benedito Bogéa Buzar, é uma coletânea de crônicas produzidas entre os anos 50 e 60 do século XX pelo escritor e jornalista itapecuruense Raimundo Nonato Coelho Nahuz, mais conhecido por Zuzu Nahuz. De acordo com Santana (2016, p.223), Zuzu era “detentor de inteligência e memória incomuns, sabia fazer jornal como ninguém, com critério e

talento. Era um jornalista fluente, atualizado, sensível e ético. Estava entre os melhores jornalistas de sua época”.

Ao todo, o livro possui 53 crônicas com os mais variados temas do passado e presente do autor, porém, em sua maioria são recordações de sua infância e juventude em Itapecuru Mirim, município do Maranhão, sua terra natal. Santana afirma que Zuzu era fascinado por Itapecuru Mirim e que ele “deixou como legado inúmeros escritos que traduziam, com propriedade, o sentimento de tudo que ele viu e viveu em sua terra, na primeira metade do século XX” (2016, p.223). Assuntos como família, vida escolar, festividades religiosas, aspectos políticos da região são temas que perpassam todas as narrativas presentes na obra. Elas carregam forte caráter afetivo do narrador com suas memórias.

3.1 O CONCEITO DE CRÔNICA E SUA CARACTERIZAÇÃO NA OBRA

Começando pelo conceito de crônica, já que é o gênero textual presente na obra analisada, tomamos por base, como apontamos acima, os estudos de Tuzino (2009) sobre o assunto. A autora informa que a etimologia da palavra crônica está associada ao termo *chronos*, do grego, que significa tempo. Salienta ainda que o sentido mais moderno de crônica está voltado rigorosamente ao literário, quando o termo passou a ser utilizado no século XIX como um tipo de narrativa histórica que aparecia nos jornais impressos da época.

Tuzino, em sua análise sobre crônica, conclui que

A Crônica é Jornalismo e Literatura. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão. É jornalística quando busca no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos e é literária quando se permite utilizar elementos literários (ex.: criação de personagens, linguagem solta e coloquial, etc.) para construí-la (TUZINO, 2009, p. 15).

A partir disso, podemos fazer uma associação com a produção literária de Zuzu Nahuz, pois além de um escritor de crônicas, ele também foi jornalista durante toda sua vida profissional, publicando seus textos em diversos jornais do Maranhão. Em *Sacerdotisa da Poesia*, por exemplo, Zuzu comenta que soube que textos literários de Mariana Luz haviam sido encaminhados ao deputado maranhense Antônio Dino para que os publicasse através de uma editora da capital, Rio de Janeiro. Ele escreve que

De fato, Mariana Luz precisa de divulgação, pois até mesmo em São Luís muitos são os que ignoram os seus méritos de verdadeira poetisa, que sabe cantar a natureza e os sentimentos humanos, com uma sabedoria que caracteriza os lídimos espíritos helênicos, inspirados nas musas (NAHUZ, 2018, p. 25).

Nessa crônica, ele noticia um fato, que é o envio dos originais do livro de versos *Murmúrios* a um deputado, porém, dada a natureza da própria crônica, que permite certa liberdade narrativa, ele também irá trazer seu posicionamento sobre tal fato.

Ademais, o autor utilizou na maioria das crônicas experiências de sua infância e juventude, ou seja, fatos da realidade concreta que viveu, porém, muitas vezes, carregados de um caráter subjetivo, um aspecto literário, pois o gênero crônica permite essa liberdade de criação justamente por ter uma natureza híbrida, ou seja, quem escreve relata fatos e pode trazer a compreensão ou o posicionamento que tem sobre esses.

3.2 AS MEMÓRIAS DO NARRADOR NA OBRA

As memórias individuais do narrador perpassam grande parte das crônicas presentes na obra. Memórias sobre a infância e juventude, a vida escolar, os momentos em família, as brincadeiras e as festividades fazem parte das narrativas de Zuzu Nahuz. O próprio narrador admite a frequência com que retorna às lembranças em sua terra natal na crônica *Saudade do Passado*, quando afirma que “dizem alguns amigos que sou saudosista por natureza. Afirmando, entretanto, que me sinto bem lembrando o passado e mergulhando o meu pensamento naquela saudade infinita” (NAHUZ, 2018, p. 127)

Essas memórias que o narrador traz para as crônicas são boas e lhe fazem bem, ou seja, elas estabelecem uma forte relação afetiva entre o narrador e os espaços de Itapecuru que ele caracteriza. Nesse sentido, há um certo saudosismo em relação ao seu passado e em vários momentos ele expressa isso como na crônica *Prova de Memória*, em que o narrador compara a moda na época em que escreve com a de sua infância e juventude em Itapecuru Mirim: “prefiro ser como sou: saudosista e viver das relíquias de minha infância, embora o modernismo tenha tomado conta do ambiente, das novas gerações, sob o império de uma moda exagerada” (NAHUZ, 2018, p. 79). Dessa maneira, é possível observar o julgamento do narrador aos costumes de uma época diferente da que ele viveu a partir do retorno às suas lembranças.

Nessa perspectiva, Halbwachs afirma que

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (1990, p. 71).

Acima percebe-se que o processo de rememoração ocorre por meio de uma cooperação entre presente e passado. Sobre esta relação, Rios (2013, p. 6) esclarece que “as visões construídas sobre o passado revelam mais sobre o momento presente do que sobre o passado que se pretende restituir (RIOS, 2013, p. 6).

Desse modo, quando o narrador recorda aspectos do seu passado com base nas memórias que tem, ele julga a partir do contexto em que está inserido no mo-

mento em que escreve, para fazer juízo sobre os aspectos culturais que ele considera serem melhores.

Ainda sobre o caráter saudosista das narrativas presentes na obra, Zuzu escreve em *O Velho Possidônio*, que é “um homem saudosista por natureza e como me sinto bem escrevendo sobre momentos do passado, vividos na minha Itapecuru de tantas ilusões e tanta felicidade!” (NAHUZ, 2018, p. 113). Nesse sentido, a partir dessa e de outras narrativas da obra, é possível notar que ele recorda suas lembranças de infância a partir de sua própria percepção sobre os acontecimentos daquela época, mas carregando aspectos também da memória coletiva.

Na crônica *Histórias que Ouvi Contar*, o narrador recorre à memória coletiva sobre o passado de sua cidade natal: “dizem os antigos que Itapecuru Mirim é uma cidade histórica, que guarda no seu passado dias de heroísmo em que os padres jesuítas marcaram presença há mais de trezentos anos, num trabalho de catequese. (NAHUZ, 2018, p. 57). Nessa narrativa, o escritor, a partir da percepção construída socialmente sobre o passado de Itapecuru Mirim, revive, de modo quase nostálgico, acontecimentos importantes que se passaram ali.

Segundo Rios (2013, p. 19), “o sujeito tem suas próprias recordações, assim como também desfruta de certo nível de liberdade, consciência e poder de ação em todos os níveis da vida social. A memória não é totalmente coletiva, nem tampouco totalmente individual”. Desse modo, a construção das lembranças em Zuzu Nahuz possui um caráter ativo do narrador nas percepções que tem sobre seu passado e os espaços presentes nele, mas que também são fruto da memória coletiva, construída pela sociedade em que ele estava inserido.

4. A ESPACIALIDADE NAS NARRATIVAS DE ZUZU NAHUZ

Sobre a questão da espacialidade, pontuamos que os espaços podem ser caracterizados, segundo a definição de Borges Filho (2008, p. 4), como *macroespaços*, que são os grandes espaços como o campo e a cidade, ou *microespaços*, ou seja, espaços menores, que são os que mais aparecem nos textos de Zuzu Nahuz.

Além disso, dentro da classificação de *microespaços*, podemos ter a presença do *cenário*, ou seja, os espaços criados pelo homem, e *natureza*, que são os espaços que independem do homem (BORGES FILHO, 2008, p. 5).

A obra apresenta várias narrativas em que Zuzu Nahuz recorda suas vivências em Itapecuru Mirim, tendo como temas mais recorrentes as festividades, principalmente religiosas, a vida escolar e os momentos em família, além das brincadeiras e momentos de sua juventude. Por se tratarem, em sua maioria, de crônicas com viés memorialístico, percebe-se da parte do narrador a expressão de uma relação sentimental com os espaços, apresentados em estreita relação com suas emoções, ou seja,

possuem um caráter afetivo. Nesse sentido, sobressai uma espacialização nas crônicas que se tipifica tanto como *subjetiva* quanto como *topofílica*, caracterização definida por Tuan (1980, p. 5) como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente”.

Além disso, é importante ressaltar que a *espacialização* em Zuzu é *moderada*, pois as indicações sobre os espaços são mínimas, até por conta do tipo de narrativa que é a crônica, ou seja, um texto curto, que possui uma espacialidade bem delimitada.

Outrossim, a *espacialização* em Zuzu é *panorâmica*, que é caracterizada por indicações mais gerais dos espaços, sem apelar para uma descrição minuciosa. Desse modo, levando em consideração os conceitos da topoanálise, as crônicas da coletânea apresentam uma *espacialização moderada e panorâmica* dos espaços.

Além disso, a terminologia desenvolvida por Borges Filho (2008) sobre o espaço realista é a que mais se aproxima dessa abordagem, visto que, como o próprio autor afirma, é quando “o espaço construído na obra se assemelha à realidade cotidiana da vida real”. Nessa perspectiva, os espaços apresentados por Zuzu Nahuz carregam semelhanças que podem ser constatadas na realidade concreta, fazendo referência a lugares existentes na cidade de Itapecuru Mirim, muitos deles identificáveis até hoje.

Para fins metodológicos, os temas mais recorrentes foram divididos em grupos como festividade, escola e infância. A partir da análise das crônicas pertencentes a cada um desses grupos, foi possível identificar os espaços e suas funções dentro de cada narrativa. As crônicas selecionadas para a análise neste artigo apresentam forte relação entre os espaços e as memórias do narrador, carregando um forte sentimento *topofílico*.

4.1 OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DAS FESTIVIDADES

As festividades, tema recorrente em diversas crônicas da obra, principalmente as de caráter religioso, eram marcantes na região, por causa da religiosidade popular. Tanto na cidade, quando na zona rural, as comemorações em torno de dias santos e figuras religiosas eram extremamente comuns e descritas por Zuzu Nahuz sempre de maneira afetuosa.

Em *Trezena de Santo Antônio*, o escritor recorda os “felizes dias do mês de junho quando se festejava, no arraial do velho Gabriel, a Trezena de Santo Antônio, no Sítio do Bié” (NAHUZ, 2018, p. 27). Nessa narrativa, assim como em outras, o narrador rememora as festividades em que a cidade se mobilizava em torno do momento para se divertir e devotar o Santo. Esses momentos descritos por ele são coisas “que os tempos não trazem mais” (NAHUZ, 2018, p. 27)

Em *Missa Nova do Padre Raposo*, Zuzu descreve os preparativos da cidade para o grande momento em que todos prestigiarão a Missa Nova do Padre José de Ribamar Montelo Raposo. “As ruas encontravam-se adornadas de bandeirolas de papel e de patis, palmeiras da região e utilizadas para enfeitar eventos festivos” (NAHUZ,

2018, p. 38). Além disso, Zuzu recorda ainda que “toda cidade se apresentava inteiramente diferente e a caboclada dos núcleos de produção do Município se arrastavam para a sede, a fim de assistir à Missa Nova do Padre Raposo” (NAHUZ, 2018, p.38). Algumas dessas pessoas, segundo Zuzu, hospedavam-se no espaço da casa de uma senhora, que ele julgava ser a dona da mais bonita das casas da cidade naquela época. Nesse sentido, havia acolhimento e receptividade.

4.2 OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DA ESCOLA

Os espaços das escolas citadas pelo narrador em diversas crônicas da obra carregam memórias afetivas muito fortes no narrador. Ele cita figuras professorais conhecidas pelos itapecuruenses que, em sua época de escola, ainda eram vivos como os professores Newton Neves e Manfredo Viana.

Nesses espaços, Zuzu viveu muitas emoções e também carregou diversos aprendizados para sua vida. O primeiro espaço relativo à escola é citado por ele em *Newton Neves, O Grande Educador* como “velho salão amplo e arejado da casa do major Bento Nogueira da Cruz”. O cronista descreve também a figura do professor Newton Neves, por quem sempre nutriu respeito, como “grande educador maranhense” que “ministrava suas aulas trajando uma roupa de brim amarelo, óculos de lentes grossas e côncavas e uma régua de setenta centímetros entre os dedos da mão esquerda” (NAHUZ, 2018, p. 17)

Na crônica *Grãos de Milho nos Joelhos*, Zuzu recorda momentos em que sofreu castigos dos professores, prática recorrente nas escolas daquela época. Ele descreve uma das situações em que o professor pede para que solete a palavra “piquenique” e confessa que errou e “o velho educador não teve contemplação comigo: aplicou-me uma dúzia de bolos com palmatória de pau roxo” (NAHUZ, 2018, p. 131). Ele ainda diz que sentiu muita dor depois, a ponto de chegar a fazer “pipi nas calças”.

Apesar disso, Zuzu recorda esse e outros acontecimentos com saudosismo, visto que, no final dessa crônica, ele descreve o estudante da época em que escreve como “folgado e faz o que bem entende” (NAHUZ, 2018, p. 133). Ainda segundo ele, “os castigos que recebi foram pesados”, mas “serviram para que eu aprendesse um pouco do que se ensinava naquela época”. Desse modo, apesar de algumas ações que ocorreram nesse espaço serem violentas, como no caso dos castigos físicos, o narrador sente que ainda assim era melhor que ocorressem.

4.3 OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DA INFÂNCIA

No grupo da infância, as crônicas tratam de fatos que vão além das festividades religiosas e dos momentos nas escolas em que Zuzu Nahuz estudou. Elas falam sobre outros momentos de sua infância, em que os espaços da casa, das ruas, do rio, estão mais presentes.

Em *Coisas que o Tempo Levou*, o narrador recorda de alguns momentos bons de sua infância em sua cidade natal: “com alegria, recordo dos dias da infância em que brincava nas ruas largas e cheias de sol, dos papagaios de papel, dos castelos de castanha de caju e do jogo de pelada na porta da residência de meus pais.” (NAHUZ, 2018, p.31). Nela, é possível perceber que o espaço descrito é homólogo, visto que as “ruas largas e cheias de sol” eram ambiente propício para brincadeiras de todos os tipos em frente à sua casa, e isso lhe causava bastante alegria.

O Circo Paraense é outra crônica em que Zuzu recorda um dos momentos em que a cidade de Itapecuru Mirim se divertia: a chegada do “circo trazendo o palhaço e os artistas”. O circo foi instalado na Praça do Mercado Público, que existe até hoje. O espaço circense era um lugar que o menino Zuzu e quase toda a cidade gostava, tanto é que “decorridos trinta e seis anos, essas lembranças vivem fixas em minha memória como se eu estivesse assistindo na minha cidade tudo outra vez” (NAHUZ, 2018, p. 122).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas presentes na obra são, em sua maioria, memorialistas, ou seja, trazem as recordações do narrador sobre sua infância e juventude no município de Itapecuru Mirim. Nelas, os espaços caracterizados pelo narrador possuem um valor afetivo significativo em suas memórias. Eles se configuram como *microespaços*, ou seja, espaços menores, como a casa de seus pais, as ruas da cidade, a escola etc. E *realistas*, pois se assemelham à realidade concreta da região caracterizada. Os temas mais presentes são sobre a escola, as festividades religiosas, entre outros. Em todas elas, o narrador, através de suas recordações, estabelece uma relação de afetividade com os espaços descritos. Essas memórias carregam o saudosismo e a nostalgia de um tempo, que segundo o narrador, não volta mais.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. Franca, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

NAHUZ, Zuzu. **O Itapecuru de Zuzu Nahuz**. São Luís: AML, 2018.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/viewFile/7102/9367>.

SANTANA, Jucey. **Itapecuruenses notáveis**. São Luís: 360º Gráfica Editora, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura. **VI Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo**, Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>.